

NARRATIVAS URBANAS: PARA UMA MEMÓRIA POSSÍVEL DO LUGAR

CAROLINA CABREIRA MAGALHÃES FALCÃO¹;
JOÃO FERNANDO IGANSI NUNES²;

¹*Programa de Pós-graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural
Universidade Federal de Pelotas – carolcmfalcao@gmail.com*

²*Programa de Pós-graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural
Universidade Federal de Pelotas – fernandoigansi@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho versa sobre as discussões sobre a memória urbana e a cidade e, trata de um recorte inicial da pesquisa de doutoramento que vem sendo desenvolvida junto ao Programa de Pós-graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural, da Universidade Federal de Pelotas. A proposta de percorrer o território sensível da subjetividade a partir dos sujeitos na concretude das cidades. A proposta de percorrer o território sensível da cidade se torna visível para quem nela experimenta o deambular, logo todo aquele que circula, que se deixa afectar pela cidade, lhe dá visibilidade. Assim, o que se busca discutir são os enrecruzamentos entre os conceitos de memória, patrimônio e cidade, construindo uma cartografia desses encontros que possa abrir espaço para que mais sujeitos se reconheçam e se apropriem da cidade. O recorte deste estudo está na cidade de Pelotas, sul do Rio Grande do Sul, mas não está restrito a esta paisagem, a proposta é que essas discussões possam ser aplicadas em outros lugares.

Cartografar a vida nas cidades, no espaço público, requer atenção a um constante movimento e alterações da paisagem que decorrem em apenas segundos, horas, dias ou anos. As intervenções que ocorrem na cidade e seus diversos contextos são impulsionados pelos sujeitos, agentes da (e na) cidade. Pois a cidade e o espaço público foram tratados como uma peça única, um bloco, desprezando suas formas orgânicas ou ainda, suas formas humanas.

A cidade só é entendida quanto entendemos as necessidades e comportamentos das pessoas em seus espaços. É essencial para entender a cidade e suas formas de desenvolvimento, entender a inter-relação entre a vida das pessoas e o espaço em todos seus aspectos. No entanto, a cidade é um elemento em constante mutação e só se modifica a partir das intervenções dos sujeitos. Pelas pessoas que a habitam.

Então o questionamento é como entender as diferentes cidades que se constroem como espaços de memória, a partir de uma urbanização subjetiva da paisagem, pela ótica dos sujeitos.

A partir das inúmeras maneiras de intervir na paisagem urbana e, construir memórias sobre essas imagens, duas visões são complementares e acontecem ao mesmo tempo: uma é a visão leiga, de quem cotidianamente experiencia e reconhece a paisagem na qual se inserem suas rotinas, e a visão acadêmica, de quem estuda e busca entender, analisar e projetar esses espaços e construir as imagens, dando subsídios para as memórias do lugar.

O reconhecimento da paisagem através de um olhar leigo está amparado na produção vernacular, ordinária do cotidiano, que modifica a paisagem conforme as necessidades e, assim constrói memórias a partir de suas vivências no espaço, sem a responsabilidade de estabelecer qualquer discussão ou construção de

memória coletiva. Baseia-se em aspectos socioculturais inerentes a determinadas necessidades, num determinado espaço-tempo, ou seja, na experiência do agora. O olhar especializado, ou mais apurado do cientista encontra uma diversidade de interpretações – uma cartografia do lugar quando se propõe a construir uma análise sobre a paisagem urbana, considerando para isso as memórias do lugar, através do seu passado e das oralidades e construções que o colocam na existência de um tempo presente, relacionando-se com o futuro. Quando ao perceber e analisar a paisagem, os profissionais que se envolvem com o tema da cidade estão abertos para discutir e propor futuros em que o ambiente social e geograficamente, possam ser saudáveis e, possam devolver ao olhar leigo, um espaço onde esse se reconheça.

O estudo da paisagem sempre se desenvolve a partir de memórias (individuais e coletivas) num recorte espaço-temporal, motivado e alimentado pelas inter-relações dos sujeitos que se inserem nesse recorte.

A cidade é o suporte ambiental caracterizado por constantes modificações, que por processos temporais se dão de forma lisa ou estriada, como conceituam Deleuze-Guattari (2012), são multiplicidades de sujeitos e de cidades, dentro de uma mesma cidade, não existem medidas exatas, existem os espaços que se direcionam e os espaços que se dimensionam e, esses conceitos são, antropológicamente, impermanentes.

As mudanças na paisagem urbana, estão baseadas por vezes, nas especulações mercadológicas – potencialidades construídas pelos empreendedores – ou são fruto de discussões entre os agentes sociais, planejadores e estudiosos das questões da cidade ou apenas são definidos por interesses de um grupo. Quando um novo empreendimento é implantado, o que se guarda deste espaço? Quais as memórias que se manifestam ou são esquecidas neste lugar? Onde está o limite entre as alterações da paisagem o valor construído? Quais os simbolismos subjetivos deste espaço? Qual a velocidade das memórias individuais e como essas se tornam uma memória coletiva, ou melhor contextualizando, uma memória urbana?

Desta forma, a construção e o reconhecimento da paisagem urbana, a construção das memórias urbanas é instrumentalizada através de ações diretas, produto de projetos e obras, nas suas diversas escalas ou de ações indiretas, realizadas por meio de normas e procedimentos, vinculadas a legislação urbanística.

O objetivo principal é analisar os impactos dos processos de urbanização na paisagem da cidade, a partir das memórias dos indivíduos. Bem como, é entender através das condições espaciais os movimentos dos corpos na cidade, analisar ainda as relações interpessoais, suas formas de vivenciar e como se (inter)relacionam com a cidade; lançando um olhar investigativo e crítico sobre a cidade contemporânea e suas experiências através das possibilidades geradas por sua configuração espacial e perpassando o campo filosófico dos pós-estruturalistas. A potência está no problema de se responder se é possível preservar uma memória de um espaço/tempo em transformação, amenizando o distanciamento das identidades construídas pela experiência do sujeito e seus valores, para que aquilo que significa, permaneça? Rem Koolhaas, em seu artigo “Que há sido del urbanismo?” (2002), traz que a noção de cidade sofreu uma distorção sem precedentes e que a urbanização generalizada modificou a condição urbana, tornando-a irreconhecível. Já Solà Morales (2002) eleva esta noção a outro patamar: leva a cidade para além de seus prédios e arquiteturas e afirma que, atualmente, lidamos com cidades que mudaram radicalmente em relação aos tempos pré-industriais e em relação à cidade grande baseada nos projetos onde foi

subtraído tudo o que é subjetivo em função de uma racionalidade produtiva. Heidegger nos diz que “a essência de construir é deixar habitar-se” e ainda “o homem é a medida que habita.” Essa forma de vislumbrar a (im)permanência, o reconhecer-se na cidade e, assim é preciso pensar o sentido do permanecer.

2. METODOLOGIA

A construção dessa discussão está previamente, organizada sobre quatro pilares principais, com seus desdobramentos, de acordo com as construções conceituais de cada um deles: a Paisagem, a Memória, o Espaço e o Tempo.

Assim, nesta cartografia bibliográfica, um primeiro pilar é o que trata dos temas base desde projeto, ou seja, da paisagem urbana, os conceitos urbanísticos, a história da evolução das cidades, seu planejamento e suas particularidades. Conceitos como o de lugar, espaço urbano e paisagem são os elementos que vão dar sustentação para o desenvolvimento das hipóteses que a pesquisa visa responder (ou não). O segundo bloco estruturador o do Espaço vai passar pelos autores da percepção, da filosofia. Entender a paisagem, através da percepção dos sujeitos nos leva ao terceiro pilar fundamental a Memória, para que se construa uma memória urbana, é necessário que se discuta como essas memórias da paisagem se constroem, se as paisagens são apenas os cenários para as memórias ou se os espaços que se tem na cidade são os formadores das memórias. E o quarto pilar ou o que poderia ser o pilar motor, que amarra os demais, se dá no Tempo, no recorte temporal onde essa discussão vai se construindo – na contemporaneidade.

Para buscar responder as hipóteses acima levantadas, um primeiro passo é constituir um embasamento a partir da revisão bibliográfica, conforme citado anteriormente, baseando-se na combinação de métodos e percepções dos autores e conceitos elencados nos quatro pilares conceituais. Desta forma, buscando organizar e aprofundar as questões a serem respondidas.

Em paralelo com a construção do referencial teórico, ocorre o estudo dos planos de desenvolvimento urbano, da prefeitura de Pelotas, indicando as previsões de crescimento da cidade. A partir do cruzamento desses dados, analisar como e de que forma a paisagem se modifica, por quais agentes e como se reconhecem estas memórias urbanas.

A justificativa para a escolha dos métodos parte do pressuposto que a investigação começa no sujeito e se abre para a cidade. Cartografando esses diferentes sujeitos e suas experiências no espaço. Para tanto, o método que pode melhor embasar o entendimento dos fenômenos que ocorrem na cidade, que melhor pode sustentar esse trabalho é através de uma análise Dialética, pois vai abranger todas as nuances que, interdisciplinarmente, unindo teoria e prática, se apoiando em uma simultaneidade do presente e suas diferentes temporalidades. Uma vez que é necessário o resgate das memórias, a partir de pontos marcantes (subjetivos: cheiros, sabores, cenas), descrevendo assim um presente e visando um futuro. É sempre um percurso liso e estriado (Deleuze e Guattari, 2012).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O que vem se construindo nessa proposta é uma compilação dos diferentes conceitos, a construção do estado da arte a partir da literatura, visando compor vínculos entre os conceitos-chave. Para assim se chegar a um recorte mais delimitado na cidade. Não se tem resultados que possam assim ser nomeados, o



que vem sendo produzido é uma série de confrontamento de autores e suas narrativas.

4. CONCLUSÕES

As memórias que carregamos dos cenários imagéticos da cidade estão relacionadas com nossas experiências do mundo com o nosso próprio corpo num processo de constante reconhecimento e imaginação, como constata Claval “a paisagem carrega a marca da cultura e serve-lhe de matriz” (CLAVAL, 2001:27). O que se apresenta através dessa analogia é que a memória passa a ser vista como uma divindade que nos capacita para ser do mundo, para transformarmos o mundo presente, os seja, é a memória que traz para o presente, nos revela o conhecimento do mundo. Logo, a recordação como resgate do tempo, conferindo uma imortalidade, uma atualização a algo que estaria esquecido ou perdido no tempo. A memória não fica restrita no simples reconhecimento de algo, mas se efetiva no sentido desse elemento, quando ao ser resgatada, no presente, tem significado, torna a ter vida, “o que fomos está, pois, contido, conscientemente ou não, naquilo que somos agora” (ROSÁRIO, 2002: 4)

Como conclusão inacabada, temos a busca por uma experiência sensível de perceber as contradições e potencialidades da cidade através das pessoas, apontando esses elementos e gerando subsídios para os agentes construtores da cidade, planejadores e empreendedores possam ser mais assertivos e cuidadosos em suas intervenções.

Desta forma, com a certeza de que não é um assunto a se esgotar. Mas uma experiência sensível de perceber as contradições e potencialidades da cidade através das pessoas.

Que cada um possa ser o ator de suas memórias, retornando à Calvino, ser o Marco Polo de sua cidade (ou cidades) e não ser o expectador como o imperador, sempre aguardando que a história venha até nós.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Livro

CLAVAL, Paul. **A Geografia cultural**. Florianópolis: Ed. UFSC, 2001.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2, volume 4**. São Paulo: Editora 34, 2012.

_____, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2, volume 5**. São Paulo: Editora 34, 2012.

KOOLHAAS, Rem. **La ciudad genérica**. Barcelona: Gustavo Gili, 2011.

SOLÁ MORALES, Ignasi. **Territorios**. Barcelona: Gustavo Gili, 2002.

Revista

ROSÁRIO, Cláudia Cerqueira do. **O Lugar mítico da memória**. Morpheus - Revista Eletrônica em Ciências Humanas - Ano 01, número 01, 2002 - ISSN 1676-2924